

“Gostaria muito que através da minha doença as pessoas se aproximassem de Deus”

Jorge, estudante valenciano de Ensino do 1º Ciclo e Pedagogia, tem 19 anos e tem leucemia linfoblástica. Foi recentemente entrevistado pela revista Paraula.

08/03/2015

"É verdade que faz já hoje um mês que estou a morar na Suite e o Resort não está nada mal, mas é preciso terminar as férias e trabalhar...". Este é um dos tweets que o Jorge Ribera escreveu do seu quarto do hospital "La Fe" de Valência depois de um transplante de medula. Um *tweet* que deixa transparecer como é o Jorge: um jovem alegre e brincalhão.

Tem 19 anos e está a tratar-se de uma leucemia linfoblástica aguda. Uma doença que lhe foi diagnosticada em 2010 e da qual pensava já estar curado até ter voltado a aparecer. Depois do tratamento de quimioterapia fizeram-lhe um transplante de medula que lhe doou o seu irmão. Depois da operação esteve um mês em isolamento no hospital e agora está a recuperar em casa.

Para o Jorge a sua fé foi fundamental para enfrentar esta situação. Quando

fala de Deus nota-se que O tem perto e que sabe que a oração dá os seus frutos. É agregado do Opus Dei e participa nas atividades da associação juvenil Dardo. É lá monitor aos fins-de-semana com os rapazes, a quem ajuda na sua formação cristã. Tem dois irmãos e este ano ia começar a frequentar o curso do duplo grau de Ensino de 1º Ciclo e Pedagogia, na Universidade Católica de Valência. Por agora está a fazer apenas o primeiro curso e de forma on-line devido à sua doença.

Qual foi a primeira coisa que te veio à cabeça quando soubeste que estavas doente?

Não recordo a sensação que tive da primeira vez, mas nesta última tive uma sensação estranha porque depois de quatro anos não esperava que se voltasse a repetir. Ao princípio foi duro e não o entendia mas depois apercebi-me de que me

tocava voltar a lutar e seguir em frente. Sei o que se passa, e portanto toca a lutar pela última vez.

Como o estás a viver? O que é que mais te ajuda?

Muito bem. Ajuda-me a rezar mais e quando se aceita, este tipo de coisas fazem-nos crescer e, sobretudo, apercebemo-nos da quantidade de pessoas que se põem a rezar. Estão atentos à evolução da situação, sejam ou não crentes, e isso é fantástico. A ajuda da minha família e a enorme quantidade de amigos e de pessoas que gosta de mim torna tudo muito mais fácil.

É possível manter a fé na doença? Estar na Igreja ajuda-te?

Claro que é possível. Se se aceita, reza-se mais e está-se muito mais perto de Deus. E é que Deus não é um ente estranho que está ali a ver o fazemos e pronto. Nada disso! Deus é

nosso pai e qualquer pai se veria afetado se o seu filho estivesse a passar por uma situação como esta. Assim peço-Lhe ajuda e consolo.

Estar na Igreja ajuda-me a ter fé porque se sabe que o que estou a passar não é em vão mas tem repercussões nos outros, é algo transcendente com que se pode ajudar o resto.

Como te ajudou a Igreja?

Senti-me muito ajudado pela Igreja. Foram lá sacerdotes para me poder confessar e comungar e, além disso, consta-me que religiosas e religiosos estão a rezar por mim. Também amigos, conhecidos e mesmo pessoas que não conheço de nenhum sítio mas que souberam do que me aconteceu e animam-me muito e rezam por mim.

Porque é importante a oração? Viste frutos na tua vida graças a ela?

É importante porque creio que se vai repercutir na minha cura, seja como for. Não entendo como funcionam as coisas lá em cima, mas sim. Além disso, gostaria muito que por causa da minha situação as pessoas se aproximassem de Deus e vissem que não é algo horrível, como por aí se pinta, mas que é genial.

Já vi muitos frutos. Por exemplo, durante todo o tratamento correu tudo bem. Ao princípio seriam três ciclos de quimioterapia e no final acabou por ser um e não houve nenhuma complicação séria, das que costuma haver. Além disso, estou a ver como muitas pessoas e amigos que há muito que não praticavam estão a rezar ou, pelo menos, tiveram uma mudança na sua vida. E isto são apenas uns exemplos.

Como viveste o isolamento?

Pois, depende de como se esteja fisicamente. Se se está em baixo, como estava nos primeiros dias, dorme-se quase todo o dia e passa depressa. O mais duro é quando já nos vemos com forças para poder ir embora mas ainda não se pode. Esses dias tornam-se mais longos. O mais importante é viver o dia a dia sem pensar no longo prazo, nos dias que faltam. Quando se puder sair, sairemos, e quando tenha que acabar uma complicação, acabará. O mais importante é lutar por passar o momento em que se está da forma mais alegre e digna possível.

Que importância adquire a família?

É de vital importância. Eles são o apoio mais próximo e são super necessários quando se está em baixo. É duro vê-los sofrer connosco mas sabemos que estão dispostos ao que

for preciso e que gostam de nós como de mais nada no mundo. Isso ajuda a continuar a lutar apesar do que aconteça.

Que dirias ao jovem que vê a Igreja como algo antigo e que não é para ele?

Quem diz isso é porque não a conhece bem. Não é um sítio onde os idosos vão aos domingos passar um bocado. É muito mais do que um sítio. Estar na Igreja não nos fecha nem nos escraviza porque Deus nos deu a liberdade. Pode ser-se cristão e ir beber umas cervejas com os amigos e mesmo falar-lhes de Deus.

Tweets a partir do "resort". A história do Jorge é difícil de resumir em 140 carateres, quantos ocupa um *tweet*. No entanto, foi esta a rede social que ele escolheu para contar o seu dia a dia. Um amigo propôs-lho e, assim,

após a operação e do seu quarto do hospital "La Fe", contou como evoluiu ao longo do mês de isolamento. E tudo com um enorme sentido de humor, como se vê no nome escolhido para a sua conta: @SuiteDelResort. A ideia nasceu para que os seus amigos e conhecidos soubessem como estava, sem necessidade de mandar uma mensagem a cada um. Mas a pouco e pouco foram-no seguindo bastantes mais pessoas do que se esperava: "É genial e há muitas pessoas que me apoiam", diz.

Além disso também lhe permitiu conhecer outras pessoas que estão doentes e, assim, rezarem uns pelos outros. E é que, como ele diz "não temos que ter medo de pedir ajuda, há momentos que nos superam e para isso estão os amigos e, sobretudo, Deus". E o sentido de humor? Como ele próprio indica é fundamental "para não se passar

para o outro lado". "É muito mais fácil para ti e para as pessoas que se tem à volta e, além disso, quando isto passar é melhor que fique uma recordação de um episódio com graça do que triste", resume.

Entrevista original em Paraula

Carlos Albiach

Paraula

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/gostaria-muito-
que-atraves-da-minha-doenca-as-
pessoas-se-aproximassem-de-deus/](https://opusdei.org/pt-pt/article/gostaria-muito-que-atraves-da-minha-doenca-as-pessoas-se-aproximassem-de-deus/)
(03/02/2026)